

Primeira Parte  
O FRIO

Meu pai tinha uma oficina de aparelhos de eletromedicina. Ele consertava, inventava, deduzia a partir de publicações norte-americanas. Não sabia ler inglês, mas era capaz de interpretar um esquema, um mapa ou um circuito com a facilidade com que outras pessoas leem um sintoma. Por sua oficina passaram aparelhos de raios X e pulmões de aço com os quais meus irmãos e eu brincávamos, nem sempre de médico. Entre os engenhos que mais me impressionaram, lembro de um aspirador de sangue pertencente à época anterior ao bisturi elétrico, quando as feridas abertas pelo cirurgião se inundavam, impedindo a visão do órgão a ser operado. O aspirador deixava a ferida limpa em questão de segundos. O sangue era recolhido em um recipiente de cristal de boca larga, como os de azeitonas a granel; provavelmente fora um vidro de azeitonas, pois em casa não jogávamos nada fora. As tampas dos tubos de pasta de dente serviam, por exemplo, como botões para os aparelhos de rádio. Mais tarde, com o surgimento do bisturi elétrico, que cauterizava a ferida ao mesmo tempo em que a abria, os aspiradores, acho, viraram história.

Meu pai dizia ter sido o primeiro a fabricar um bisturi elétrico na Espanha, embora certamente tenha tirado a ideia de uma publicação estrangeira. Lembro de tê-lo visto inclinado sobre a mesa da oficina, realizando cortes em um filé de carne de vaca, assombrado com a precisão e a limpeza do talho. Não esquecerei nunca o momento em que se virou para mim, que observava um pouco assustado, para pronunciar aquela frase fundacional:

– Olhe, Juanjo, cauteriza a ferida no mesmo momento em que a produz.

Quando escrevo à mão, em um caderno, como agora, acho que me pareço um pouco com meu pai no ato de testar o bisturi elétrico, pois a escrita abre e cauteriza, ao mesmo tempo, as feridas.

Mamãe não demoraria em proibir que ele desperdiçasse os filés de carne naqueles ensaios. Começou a trabalhar, então, com rodela de batatas, mas se cansou logo em seguida. Nada como a textura da carne, exceto, acrescento eu, a textura da página.

Outro engenho com o qual alcançou certa celebridade foi o eletrochoque portátil, um aparelho do tamanho de um *best-seller* com vários compartimentos, em um dos quais se guardavam os eletrodos. Costumava contar que um dia, conversando no jardim de um manicômio com o diretor, um louco o reconheceu como o fornecedor daqueles artefatos e jogou de uma janela um vaso que chegou a roçar seu ombro. O eletrochoque foi muito questionado nos anos 70 do século passado, mas acho que voltou. Em algum lugar li que Cabrera Infante, que era bipolar, pediu em alguma ocasião que usassem nele.

Meu pai passou seus últimos dias em um asilo onde eu ia visitá-lo, não com muita frequência, mas de um modo regular. Havia se tornado bulímico, de maneira que eu costumava chegar ao asilo por volta do meio-dia, para convidá-lo a almoçar e o trazia de volta na hora de comer. Dessa forma, nos dias em que ia vê-lo, comia duas vezes, mas poderiam ter sido três ou quatro. Era insaciável. E não era gordo. Foi sempre um homem musculoso, pequeno, ágil, inclusive aos oitenta anos (morreu

aos oitenta e dois). Eu costumava levá-lo a um Kentucky Fried Chicken, essa cadeia de frangos fritos fundada por um coronel norte-americano que meu pai adorava por ser militar, inventor e por ter ficado rico graças a uma receita cujos ingredientes, segundo me explicava com admiração, eram secretos, como os da Coca-Cola.

Durante aqueles almoços, ele me falava com frequência dos benefícios do eletrochoque e me contava suas primeiras experiências com o aparelho, que tinham sido desalentadoras. Acho que entendi que conseguiu realizá-las graças a um médico de Valência, um psiquiatra que emprestava os loucos para que pudesse experimentar neles. Nunca falou de modo claro, mas dava a impressão de que se referia a essa época com sentimentos de culpa.

– O problema – dizia – é que, a princípio, aplicávamos a corrente alternada nos loucos. A corrente alternada mudava constantemente de direção e deixava o cérebro destruído. Então, percebi que devia aplicar a corrente contínua. A corrente contínua é como uma brisa que sopra sempre na mesma direção, penteando, sem fazer mal, um campo de trigo.

Ao falar do campo de trigo, fazia um gesto solene com a mão. Parecia que estava vendo as espigas (ou os neurônios) inclinando-se suavemente perante a carícia do ar (ou da eletricidade).

Quando eu o devolvia à residência, pegava o carro e regressava para a Iberia, onde então, ganhava a vida. Entrava em minha sala, que era um cubículo em forma de ataúde, enrolava um cigarro de maconha e me perdia em sonhos até que todos voltavam do almoço. Lembro de ter chorado algumas vezes porque naquela época estava

fraco, deprimido e a obsessão daquele homem com o eletrochoque e o frango frito me tirava o sossego.

A oficina de meu pai estava na parte traseira da casa, separada desta por um pátio de cimento. A parte da frente dava a uma espécie de jardim comunicado com o pátio de trás por um beco sombrio no qual crescia uma árvore com a casca preta. A oficina tinha quatro dependências emparelhadas, duas das quais eram utilizadas como armazém de material. A casa, por seu lado, tinha dois andares e um sótão. No piso de baixo se encontravam, a princípio, os dormitórios, o banheiro e um quarto multiuso que durante uma época foi o quarto dos meninos (chegamos a ser quatro meninos e cinco meninas), além de uma espécie de escritório para meu pai. No de cima estavam a sala de jantar, a cozinha, um banheiro minúsculo e outros dois ou três aposentos. Mais tarde, a cozinha e a sala de jantar foram levadas para o andar de baixo e os dormitórios foram colocados todos no andar de cima. Fazíamos muitas mudanças deste tipo sem ficar contentes com nenhuma.

Em cima de um dos armazéns anexos à oficina, havia um quartinho fechado, ao qual se chegava por umas escadas exteriores, de cimento. O dono da casa o tinha reservado para guardar objetos e livros de sua propriedade com os quais não sabia o que fazer. Meus irmãos e eu acabamos forçando a porta. O interior, iluminado por uma janelinha cheia de pó e teias de aranha, estava repleto de trastes e de livros. Havia, entre as coisas que nos surpreenderam, um par de floretes, um cálice e também uma edição inteira de um livro no qual se pretendia demonstrar que Cristovão Colombo era galego. Provavelmente, entre aqueles livros e objetos houvesse algo

valioso. Se fosse assim, o dono da casa não era consciente, pois, o que nós não destroçamos, foi mijado pelos gatos ou comido pelos ratos que entraram atrás de mim e de meus irmãos.

Pagávamos mil pesetas por mês de aluguel, que não era pouco se acrescentarmos que se tratava de uma ruína. Tinha goteiras. As janelas fechavam mal; o cimento do quintal estava quebrado; as paredes, descascadas; as vigas, podres... Entre a porta que dava para o jardim na frente e a que dava para o quintal atrás havia, durante o inverno, uma corrente constante (e cortante) de ar frio, uma pontada invisível que chegava até a medula da casa. Não sei se é cientificamente possível ter frio na medula, mas aí é onde ele se instalou, no tutano de cada um de nós e no tutano do grupo familiar, quando nos mudamos de Valência para Madri. Eu tinha seis anos.

No princípio foi o frio. Aquele que sofreu com o frio quando era pequeno, sentirá frio pelo resto de sua vida, porque o frio da infância não desaparece nunca. Provavelmente ele se incrusta nas partes penetráveis do corpo, de onde se expande por todo o organismo quando são favoráveis as condições exteriores. Calculo que deve ser duríssimo vir de um embrião congelado.

Lembro do tato dos lençóis, gelados como mortaelhas, ao entrar entre eles com meu sessenta por cento de esqueleto, meu trinta ou quarenta por cento de carne e meu cinco por cento de pijama. Lembro do frio das colheres e dos garfos até que se esquentavam ao contato das mãos. Lembro da insensibilidade dos pés, que pareciam duas próteses de gelo colocadas no final das pernas. Lembro das frieiras, Deus santo, que começavam a picar no meio da aula de francês ou de matemática, e lembro

que, se caísse na tentação de coçá-las, sentia um alívio imediato, mas em seguida respondiam ao estímulo multiplicando a sensação de prurido. Lembro que aprendi esta palavra, prurido, em uma idade absurda, ao lê-la nos prospectos daqueles cremes que não serviam para nada. Lembro, sobretudo, que o frio não vinha de nenhum lugar, assim, tampouco havia forma de detê-lo. Era parte da atmosfera, da vida, porque a condição da existência era o frio como a da noite é a escuridão. Estavam frios o chão, o teto, o corrimão da escada, estavam frias as paredes, estava frio o colchão, estavam frios os ferros da cama, estava gelada a borda da privada e a torneira do lavabo, com frequência estavam geladas as carícias. Aquele frio de então é o mesmo que hoje, apesar do aquecimento, aparece em alguns dias do inverno e faz saltar pelos ares o registro da memória. Se sentiu frio quando era criança, sentirá frio o resto da vida.